



A VIDA FELIZ EM AGOSTINHO

Jairo Vieira da Silva Junior*

Alexandro de Souza Bergamasco**

Jonas Gabriel Vilela Santos***

Resumo: O presente artigo tem por finalidade esboçar algumas virtudes éticas encontradas no pensamento de Agostinho, a saber: sabedoria, felicidade, justa medida, amizade. Tal análise terá como base a obra a *De beata vita*, uma proposta de ‘filosofia de vida’, na busca e aquisição da felicidade. Analisar-se-á se o Bispo de Hipona dá continuidade à tradição filosófica e quais são os seus progressos filosóficos a partir de sua conversão última, ou seja, ao cristianismo, para o alcance de uma vida feliz em plenitude. Por fim, há de se destacar sua inovação filosófica, colhida do período Patrístico, que seria a união e complemento entre fé e razão.

Palavras-chave: Agostinho. Conversão. Virtudes. Vida feliz. Fé e razão.

Considerações iniciais

Agostinho de Hipona (354-430) foi um dos célebres filósofos do Ocidente, sendo para o período denominado Idade Média, um dos ‘pais’ da Filosofia Cristã. Em seu período de neoconvertido, e na companhia de seus amigos e familiares, ele propõe aos mesmos que exercitem a atitude filosófica a partir de um tema que lhes incitaria: sobre a felicidade.

Assim como os banquetes e manjares os alegam naquele momento de festins – celebravam seu aniversário natalício–, Agostinho lança sua indagação para a realização de um colóquio com eles: o que é preciso para ser feliz? Os bens materiais ou permanentes? Onde encontrar o Bem permanente? Qual caminho seguir? Para ser feliz é preciso ser sábio? Quem possui a felicidade? Onde a encontrar?

Tal é o propósito de Agostinho: a busca pela vida feliz. O colóquio estende-se por três dias. A sinceridade intelectual e sua reciprocidade com a realidade, unidos ao seu elevado

* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Licenciatura Plena de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS. E-mail: jairovieirasilva@gmail.com.

** Coautor: Mestrando da UFSM. E-mail: alexandro_bergamasco@hotmail.com.

*** Coautor: Acadêmico do 2º semestre do Curso de Licenciatura Plena de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS. E-mail: gabrielvilela.s@outlook.com.

espírito criativo e inovador, são pontos fundamentais para o desdobramento de uma argumentação límpida.

Auxiliado por sua mãe, filho e amigos, Agostinho realiza um itinerário filosófico-espiritual na busca pela felicidade no interior do homem, em sua alma, aquilo que, por muito tempo, procurava fora.

1 *De beata vita*

Foi-nos oportuno, até aqui, relatarmos historicamente as ‘conversões’ que ocorreram na vida e pensamento de Agostinho até à ‘conversão final’, sua adesão ao cristianismo. Ao expor alguns traços fundamentais de sua ‘vida intelectual’, observar-se-á a inquietação causada pela busca da verdadeira verdade alojada no interior do homem.

Sobretudo, o que inquieta Agostinho é o problema de seu destino; para ele, esta é toda a questão: procurar se conhecer para saber o que é preciso fazer a fim de ser melhor e, se possível, a fim de bem ser (GILSON, 2007, p. 17).

Para Agostinho, ter uma vida feliz implica o conhecimento da verdade como sua condição essencial para tal fim. E, como o *De Beata Vita* foi escrito logo após sua conversão, tal conhecimento se dará pela saber filosófico e sua íntima união com a revelação cristã¹. Por isso, nesse período, encontramos em germe do que será a filosofia de Agostinho que, no final de sua vida alcançará o apogeu de toda a Patrística e o fértil solo para a filosofia cristã na Idade Média².

¹ É de grande valia ressaltar que Agostinho não propõe uma ‘filosofia cristã’ dando ampliação à filosofia neoplatônica, o que seria uma ‘continuação’ de uma filosofia ‘não-cristã’. A primeira questão é de que se há ou não, no pensamento de Agostinho e em toda a Idade Média, uma filosofia cristã. Segundo, como isso seria possível. Muitos filósofos acharam isso uma contradição (fé e razão). Até alguns santos da Igreja Católica tiveram aversão à filosofia. É explícito que o filósofo cristão não se ‘orgulha’ por sua filosofia, e sim por ser cristão. Mas, talvez alguns não compreenderam a reciprocidade entre fé e razão como a compreendeu o Bispo de Hipona. Seguindo os estudos realizados por Étienne Gilson, a filosofia grega começa a ganhar destaque na Igreja Primitiva com São Justino, na obra *Diálogo com Trifão*. Em linhas gerais, a inovação cristã seria a aplicação da revelação como complemento fundante à filosofia, utilizando-se principalmente: da literatura neotestamentária e a concepção de Ser dada no livro do Êxodo (Ex 3,14): “Para saber o que é Deus, é a Deus mesmo que Moisés se dirige. Querendo conhecer seu nome, pergunta-o a ele, e eis a resposta: *Ego sum qui sum. Ait: sique dices filiis Israel: qui est misit me ad vos* (Ex 3, 14). Aqui também nenhuma palavra de metafísica, mas Deus falou, a causa está entendida, e é o Êxodo que coloca princípio a que a filosofia cristã por inteiro se prenderá” (GILSON, 2006, p. 67).

² “Não piso ainda em terra firme. Sinto-me em meio a dúvidas sobre a questão da natureza da alma”. (AGOSTINHO, 1993, p. 26).

‘Como pode o homem ser feliz?’ é a profunda e constante indagação em que se encontra o neoconvertido³. Com isso, buscar-se-á respostas a partir das certezas cristãs. Seu escrito acerca desta temática não é algo a-histórico, mas dá prosseguimento à tradição filosófica greco-romana (Pitágoras, Platão, os estoicos, Cícero, Sêneca e os neoplatônicos), com uma solução inovadora: a verdade cristã.

Tal diálogo é uma sequência de escritos realizados por Agostinho em Cassiciaco, que ao todo são quatro: *Contra os Acadêmicos*; *A vida feliz*; *De ordine*; *Soliloquia*.

No preâmbulo, Agostinho utiliza-se de linguagem metafórica. Exemplo disso é a sua proposta de viagem em direção ao porto da Sabedoria. Essa ‘navegação’ dar-se-ia sob o auxílio da razão e da vontade humanas. É aqui que se referirá a três tipos de ‘navegantes’. Segundo Jean Guitton, Agostinho realiza uma projeção metafísica de sua própria vida nesta introdução⁴.

Ainda, Agostinho exorta àqueles que, com ‘espírito fraco’, deixam-se guiar por facilidades para alimentarem seu próprio ‘orgulho’ e ‘vanglória’. Tais predisposições só nos causariam o desvio do porto da Sabedoria.

Qual era o ambiente do colóquio e quem ali estava? O próprio Agostinho nos relata:

Após frugal refeição (*prandium*), para o espírito não ficar em nada molestado, convoquei a todos com quem convivia - não somente naquele dia, mas de modo habitual. Reuni-os na sala de banhos, lugar tranquilo e adequado quanto à temperatura do momento. Estavam ali - e não hesito em apresentá-los pelo nome, à tua particular benevolência - primeiramente nossa mãe, a cujos méritos, estou persuadido, devo tudo o que vivo. Navígio, meu irmão. Trigésio e Licênio, meus concidadãos e discípulos. Não quis que ficassem ausentes meus primos Lastidiano e Rústico, ainda que não houvessem frequentado a escola de nenhum *Grammaticus*. Para o que planejávamos, julguei o seu bom senso poder nos prestar auxílio. Enfim, também se encontrava o menor de todos pela idade, mas cuja inteligência - se o amor não me leva a engano - promete grandes coisas: Adeodato, meu filho (AGOSTINHO, 1993, p. 27).

³ Com mais precisão, o diálogo *Sobre a vida feliz* teve início aos 13 de novembro de 386, dia de seu aniversário natalício e ano de sua conversão. AGOSTINHO, *A vida feliz*, 1993, p. 05.

⁴ “Neste preâmbulo, Agostinho tenta sugerir sua história pessoal, utilizando a imagem neoplatônica da volta à pátria, e evocando uma viagem marítima, semelhante a de Eneias, na Eneida. Estamos atirados longe do porto, em meio a tempestades. E isso, por quê? Não se saberia dizer. Será Deus, a natureza, a necessidade (isto é, o destino), nossa vontade? Será a união de alguma dessas causas ou o concurso delas todas? Seja como for, estamos longe da meta e temos de voltar sobre nossos sulcos, para dirigir-nos então à pátria. Até aí, Agostinho segue plenamente a tradição platônica. Acontece que alguns, desde a idade da razão, depois de terem remado algum tempo, encontram abrigo seguro, não é, porém, o mais frequente. Outros aventuram-se mais longe. Chegam mesmo a se lembrar da pátria, e acontecimentos deploráveis, trágicos mesmo, dificuldades, ansiedades, negócios vãos, induzem, talvez, a ler livros de sábios e doutos. O acordar dá-se no porto. Outros, enfim, ainda que se tenham perdido, percebem sinais ou faróis. A história pessoal de Agostinho possui um pouco desses três tipos de navegação” (GUITTON Apud AGOSTINHO, 1993, p. 69).

Feitas as menções necessárias à introdução do diálogo, Agostinho inicia o ‘colóquio do primeiro dia’.

2.1 Colóquio do primeiro dia (cap. II, 7-16)

O primeiro colóquio evidencia pressupostos fundamentais para o seguimento dos diálogos seguintes. Agostinho segue a tradição greco-romana ao ponderar sobre a composição humana. Esta é - e se tratando de pressupostos metafísicos - uma união entre corpo e alma. Entretanto, deixa algo em aberto: “- Mas estás em dúvida se não existe outra coisa que seria para o homem um complemento de perfeição./ - É isso, concordou ele” (AGOSTINHO, 1993, p. 29).

Parece-nos que Agostinho deixa esta questão ainda em aberto, não respondendo-a diretamente neste capítulo. A primeira conclusão aqui explicitada é a de que o alimento é feito para o corpo (AGOSTINHO, 1993, p. 28). A segunda, de que a alma se alimenta do conhecimento das coisas e da ciência (AGOSTINHO, 1993, p. 30-32). A respeito disso, Agostinho demonstra a importância de uma vida virtuosa para o bom cuidado da alma.

Por isso, os homens sujeitos ao vício da malignidade (*nequitia*) são chamados “perdidos”. Ao contrário, quando existe algo que perdura, se mantém, não se altera e sempre fica semelhante a si mesmo, aí está a virtude. E o elemento mais importante e particularmente belo da virtude é a chamada temperança ou frugalidade (AGOSTINHO, 1993, p. 31).

Já, aqui, Agostinho esboça alguns princípios, ou ‘pontos-de-partida’, perenes, estabelecidos para uma prática da virtude, ou seja, meios para se obter a felicidade.

A terceira questão versa sobre a felicidade (AGOSTINHO, 1993, p. 32). Ao redor de seus amigos, a primeira conclusão é a de que ninguém pode ser feliz sem possuir o que deseja, com algumas ressalvas. Sua sábia mãe lembra a todos e lhes diz que “se forem coisas más, ainda que as possuam, será desgraçado” (AGOSTINHO, 1993, p. 32).

No capítulo seguinte, Agostinho chega a mais uma conclusão fundamental: o de que só é feliz quem possui a Deus. Acerca de Deus, é de grande importância explicarmos. Na concepção patrística e agostiniana, Deus é o Ser por excelência, Criador de todas as coisas. Ou seja, todas as coisas são criadas. Mas não são criadas de matéria preexistente, e sim do nada (*Quod Deus ex nihilo produxit res in esse*). Se Deus criasse algo que proviesse de uma matéria preestabelecida, o mesmo deixaria de ser Deus, e tal matéria passaria a ter primazia

sobre Ele⁵. A pergunta gnóstica ‘Que fazia Deus antes da criação?’, explícita no Livro XI das *Confissões*, é insustentável, pois isso envolveria Deus dentro de um determinado tempo. Mas, sendo Deus e criador de todas as coisas, está fora do tempo, pois o mesmo é criado por Ele.

Agostinho conduz seus convidados a buscarem uma ‘felicidade permanente’, diferente daquela ancorada em bens materiais, que são passageiros. Então, quem possui a Deus? Tal é busca pela resolução deste problema nos capítulos seguintes. Havendo uma pluralidade de respostas que, para Agostinho, são verdadeiras formas de possuir a Deus: “Possui a Deus quem vive bem. Possui a Deus quem faz o que Deus quer que se faça [...] Possui a Deus quem não tem em si o espírito imundo” (AGOSTINHO, 1993, p. 35-36).

Feito a provocação ao espírito de seus companheiros sobre quem poderia possuir a Deus, Agostinho começa a analisar algumas ‘doutrinas’ filosóficas. A primeira seria a dos céticos acadêmicos (AGOSTINHO, 1993, p. 37-40). Partindo dos pressupostos analisados nos primeiros capítulos, e destacando que os acadêmicos, ao mesmo tempo em que buscam a verdade, negam chegar a algum fim último e verdadeiro, continuando numa ‘infinita’ busca, segue-se que eles não são felizes e, por isso, “ninguém é sábio se não for feliz. Logo, o acadêmico não é sábio” (AGOSTINHO, 1993, p. 37). Com tais indagações explicadas, termina o colóquio do primeiro dia.

2.2 Colóquio do segundo dia (cap. III, 17-22)

No colóquio do dia anterior, vimos que a condição de uma felicidade perene se dá em possuir a Deus. Nos próximos capítulos, Agostinho ratificará tal verdade. Mais precisamente, Agostinho retoma as três afirmações sobre quem possui a Deus (AGOSTINHO, 1993, p. 35), concluindo que todas elas exprimem, “no fundo, uma só e mesma ideia” (AGOSTINHO, 1993, p. 42).

Todavia, a terceira afirmação foi a mais pertinente, dando sequência ao colóquio. A conclusão seguinte parece paradoxal, no entanto, compreensível: “aquele que ainda está à procura de Deus, não chegou até Deus, também se vive bem. Portanto, nem todo o que vive bem, possui, por isso, a Deus” (AGOSTINHO, 1993, p. 44). Aqui sua mãe dá ênfase à posse de Deus com a analogia da amizade. Quem vive bem, possui a Deus como um amigo benévolo; já aquele que vive mal, possui a Deus como alguém que lhe é distante. Por isso, é feliz quem possui a Deus como um amigo.

⁵ Sobre a mesma temática, Tomás de Aquino desenvolveria mais tarde com grande capacidade argumentativa. Ver Tomás de Aquino: *Suma contra os gentios*, Livro II, parte I, cap. XVI-XXI.

As questões e afirmações acerca da posse de Deus vão se desdobrando. A próxima será a de que “Deus será propício a todo aquele que O procura” (AGOSTINHO, 1993, p. 45). Mas, se assim sucede, então, as conclusões tiradas sobre os cétricos acadêmicos seriam falaciosas. A explicação segue nos dois últimos capítulos (AGOSTINHO, 1993, p. 45-47). Acerca deste impasse, responde Mônica com sábias palavras: “Uma coisa é possuir a Deus; outra, não estar sem Ele” (AGOSTINHO, 1993, p. 46). E, ainda, forçando algumas respostas, Mônica reutiliza-se da analogia da amizade: viver bem é possuir a Deus como amigo; mal, como distante. Todavia, nenhuma das opções encontra-se sem a presença de Deus. “Ninguém é, portanto, feliz se não tem o que quer, mas não basta ter o que se quer para ser feliz” (GILSON, 2007, p. 19).

Por fim, Agostinho levanta questões referentes à infelicidade na carência. Mas, foi apenas um pequeno passo para o colóquio do último dia.

2.3 Colóquio do terceiro dia (cap. IV, 23-36)

Último, mais extenso e conclusivo colóquio, Agostinho conclui sua argumentação com maestria e inovação. O eixo central deste diálogo visa demonstrar que a felicidade é plenitude espiritual. Espiritual porque a sede da felicidade, para Agostinho, é Deus, e ele pode ser encontrado na alma humana, pelo mesmo ser criado à sua imagem e semelhança. Com isso, fica claro que o corpo está sujeito a sofrimentos e até a própria morte, contanto que o sábio busque evitar, quando possível, tais sofrimentos. Isso faz Agostinho lembrar-se dos versos de Terêncio: “É tolice suportar o que se puder evitar (*Nam tu quod vitare possis, stultum admittere est*) (AGOSTINHO, 1993, p. 50.)

Dado que a felicidade é plenitude espiritual, segue-se que gozar de bens temporais não nos traz a permanente felicidade; dado que um homem rico fosse muito inteligente, sua própria inteligência voltaria contra si⁶. Seguindo, Agostinho concluirá que a maior carência é a falta de sabedoria. Voltemos ao exemplo do homem rico.

Mesmo tendo todos os seus bens e mesmo que não ambicionasse mais nada, falta-lhe a sabedoria, pelo fato de, por exemplo, ter medo de perder os seus bens, apegando-se aos mesmos. Gilson afirma que “amar o que se pode perder é viver num temor perpétuo incompatível com a verdadeira felicidade. Ora, somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno” (GILSON, 2007, p. 19).

⁶ “A um homem sem segurança,/seu próprio mal o torna conformado. (*Infindum hominem,/ malo suo esse cordatum.*) (AGOSTINHO, 1993, p. 52).

É interessante notar ao final do capítulo XXVII (AGOSTINHO, 1993, p. 52-53), os pressupostos de onde emergem as conclusões de Agostinho. Não mais se apegando a pensadores e/ou filosofias, ele fundamenta-se na ‘divina fonte’: as sábias palavras de sua santa mãe, apta, segundo ele, à ‘verdadeira filosofia’.

Para Agostinho, quem não está na carência e/ou indigência, será sábio e feliz. A sabedoria proporciona a justa medida da alma, visto que “onde há medida e proporção não existe nem a mais nem a menos do que necessário. Aí se encontra precisamente a plenitude” (AGOSTINHO, 1993, p. 58). A condição necessária para ser e possuir uma vida feliz é possuir a sabedoria. Ela seria precisamente “a moderação do espírito (*modus animi*)” (AGOSTINHO, 1993, p. 59).

Ao final, Agostinho coroa o seu colóquio questionando-se qual seria a posse da verdadeira sabedoria. Como cristão bem instruído, afirma que a Sabedoria de Deus é a verdadeira Sabedoria, dado que o Filho de Deus é a sua Sabedoria, a suma Sabedoria e suma Verdade. Ao mesmo ‘tempo’, a Verdade tem sentido de Medida, que seria Deus Pai, ou seja, “nunca houve Verdade sem Medida, nem Medida sem Verdade” (AGOSTINHO, 1993, p. 60), uma vez que o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. “E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus” (AGOSTINHO, 1993, p. 60-61). A partir daqui, Agostinho deixa mais explícito as verdades de fé, da revelação cristã e do legado filosófico da tradição greco-romana. “Se algo merece ser chamado “dom de Deus”, é seguramente a vida feliz” (GILSON, 2007, p. 18).

Considerações finais

“Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 1996, p. 37). Agostinho pretende traçar um longo percurso no interior do próprio homem, em sua alma, com seu espírito e suas disposições.

Feito este caminho no ‘castelo interior’ de sua alma, podemos afirmar que “a felicidade reside no conhecimento de Deus” (AGOSTINHO, 1993, p. 10). Não de um deus grego (motor imóvel, demiurgo, etc) que quer ser amado, mas um Deus que ama e é amado, uno na essência e três nas pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Transcorrida a obra, podemos fixar alguns princípios éticos já vigentes na tradição filosófica, a saber: sabedoria, felicidade, justa medida, amizade. Agostinho pressupõe que é sábio aquele que possui a Deus. O mesmo se diz sobre a felicidade. Como vimos tal ‘posse’

não se fundamenta numa dialética ‘senhor-escravo’, mas no conceito de amizade descrito por sua mãe no decorrer da obra. Segundo ela, independente de nossa condição humana em relação a Deus, ele sempre permanece como um amigo presente. Portanto, depende de como o ser humano o concebe: como um benefício, acolhendo-o, ou malefício, rejeitando-o. Algo muito importante é manter-se equilibrado, pois, expresso já anteriormente, a sabedoria é “a moderação do espírito (*modus animi*)” (AGOSTINHO, 1993, p. 59), vivendo bem, portanto, quem não está na carência, nem na indignância.

Algo muito importante a ser destacado refere-se como Agostinho dá amplitude a tais princípios no ‘campo’ da fé e da revelação cristã. Neoconvertido, ele está disposto, em última instância, a abandonar qualquer doutrina filosófica para permanecer em sua fé cristã. Exemplos mais claros disso encontrados em seu pequeno diálogo são as ‘afirmações conclusivas’ de sua mãe, como sendo aquela que responde as indagações com sabedoria, que possui a ‘verdadeira filosofia’.

Agostinho conclui o diálogo ressaltando que a verdadeira felicidade consiste em estar em comunhão com a ‘Trindade’: a Sabedoria é o Pai; a Felicidade, o Filho; a Justa Medida, o Espírito Santo.

Pois a perfeita plenitude (*satietas*) das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: - por quem somos guiados até à Verdade (o Pai); - de qual Verdade gozamos (o Filho); - e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo) (AGOSTINHO, 1993, p. 61).

É importante observarmos que tais virtudes encontram-se já na filosofia grega, tendo ênfase no pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles⁷. Não pretendemos aqui analisar todo o conceito histórico das Virtudes na Filosofia Grega. Mas, um conhecimento anterior das mesmas, principalmente os desdobramentos que o termo Sabedoria⁸ recebeu, é de grande valia para que se entendam os progressos de Agostinho e sua busca pela vida feliz.

⁷ Sócrates, Platão e Aristóteles são antes, como dizia eu, os três raios de um feixe que emergem de um ponto finito da história. O interessante é precisar a posição de dito ponto. O que Sócrates introduz na Grécia é um novo modo de Sabedoria” (ZUBIRI, 2010, p. 184).

⁸ “Resumamos: a Sabedoria, que era, desde o começo, um saber das ultimidades do mundo e da vida, muito próxima, por isso, da religião, transformou-se, nas costas da Ásia Menor, numa descoberta ou posse da verdade sobre a Natureza; essa verdade sobre a Natureza se tornou com Parmênides e Heráclito visão do que as coisas são: a visão do ser se concretizou, por um lado, em ciência racional; por outro, em retórica e cultura na vida cidadã de Atenas. Tal era a situação em que Sócrates encontrou seu mundo. Uma situação cujos ingredientes dinâmicos lhes são essenciais e que vão constituir o ponto de partida de sua atividade” (ZUBIRI, 2010, p. 226).

Agostinho propõe uma ética não entendida como hoje, mas como ‘modo de vida’, que em alguns aspectos, parece relacionar-se com a proposta socrática⁹. A sua novidade consiste na síntese realizada pelo cristianismo:

A metafísica grega, o direito romano e a religião de Israel (deixando de lado sua origem e destino divinos) são os três produtos mais gigantescos do espírito humano. O tê-los absorvido numa unidade radical e transcendente constitui uma das manifestações históricas mais esplêndidas das possibilidades internas do cristianismo (ZUBIRI, 2010, p. 41).

Como todo bom filósofo, sincero e autêntico, atento à realidade que o assalta e liberta, Agostinho traça seu itinerário de conversão. Este aspecto é fundamental para compreender seu raciocínio e criativas inovações. Por isso, “verá a beleza divina aquele que viver bem, estudar bem e rezar bem (*Qui bene vivit, bene orat, bene studet*)” (AGOSTINHO, 1993, p. 11). E é no cristianismo, precisamente na pessoa de Jesus Cristo, Verdade tão antiga e tão nova, o qual ele procurava fora o que na verdade estava dentro de si, o sentido da vida e da verdadeira felicidade. “A mensagem mais bela deste curto diálogo é vermos apontada na pessoa do Filho de Deus a plenitude da Sabedoria” (AGOSTINHO, 1993, p. 13).

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A vida feliz: diálogo filosófico**. Tradução de Nair de Assis Oliveira; revisão: H. Dalbosco. São Paulo - SP: Edições Paulinas, 1993 (Espiritualidade);

_____. **Confissões**. São Paulo - SP: Nova Cultural, 1996 (Os pensadores);

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo - SP: Discurso Editorial, 2006;

_____. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2006;

⁹ “O ético compreende, antes de tudo, as disposições do homem na vida, seu caráter, seus costumes e, naturalmente, também o moral. Em verdade, poder-se-ia traduzir por “modo ou forma” de vida, no sentido profundo da palavra, diferentemente da simples “maneira”. Pois bem: Sócrates adota um novo modo de vida: a meditação sobre o que são as coisas da vida. Com isso, o “ético” não está primariamente naquilo *sobre o que medita*, mas no fato mesmo de *viver meditando*. As coisas da vida não são o homem; mas são as coisas que se dão em sua vida e das que dessa depende. Fazer que a vida do homem dependa de uma meditação sobre elas não é meditar sobre o moral, diferentemente do natural: é, simplesmente, fazer da meditação o *êthos* supremo. Dito em outros termos: a sabedoria socrática não *recai* sobre o ético, mas *é*, em si mesma, ética. Que de fato aplicasse sua meditação com preferência às virtudes cívicas é coisa por demais secundária. O essencial é que o intelectual deixou de ser um vagabundo que vive nas estrelas para transformar-se em homem sábio. *A Sabedoria como ética*: aí está a obra socrática. No fundo, uma nova vida intelectual” (ZUBIRI, 2010, p. 241).

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo - SP: É Realizações (Coleção Filosofia Atual), 2010.